Aveiro, 2 de Março de 1963 * Ano IX * N.º 436

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

VULCÃO de GREVE em TERRA CRUA

*Laços, selos, lacre,
tudo se me estilhace...
Vulcão-lava eu quero
meus lábios-pirâmide!*

*Deixem ser poeta meu sangue-lama,
não seja minha verde-tinta-noite
poesia-estrela-morta!...*

*Deixem-me ser poeta:
sugar mel às pedras,
tirar as águas ao sal...
Deixem-me...
roubar a luz ao céu
para colar o sol ao dia!...*

*Deixem-me chamar danadas às cores
se branco, sendo branco, não é brancura!*

*Deixem-me!
Mas por que não me deixam
ser poeta, ao menos,
se não há uma cadeira de café para os loucos
e na cidade só podem passear olhos-cadáver...*

Deixem-me ser *poeta,
mesmo sem* fazer *poesia...*

*Deixem-me,
que não há sombra
para esta lucidez-fornalha,
nem ferrolhos
para esta sensibilidade-vendaval!*

*Deixem-me,
deixem-me destruir todas as casas
para que não mais tenha quarto
meu espírito d'além-aquém...
Deixem ser o que seja e o não é...
Pois não viram que me pregaram à porta
o trinta e um da nossa rua
nesta cidade de porto-granito?...*

10-1-63

MÁRIO DA ROCHA

Artigo de Eduardo Cerqueira

"Requiem,, por uma PALMEIRA

COM a magoada decepção do herbanário de Júlio Dinis, arborófilo e saudosista, vi derribar, desapiedada, fria, insensibilizadamente, a esguia palmeira, a palmeira solitária, vertical como o carácter de quem a plantara, que aí se erguia como um estandarte, a meio da Praça do Marquês de Pombal.

Sexagenária, mas robusta e sã, venerava-a como um símbolo, estimava-a como uma recordação, respeitava-a como a todas as outras árvores — ou não fossem elas mais que nós apegadas ao solo onde medraram, mais fiéis ao humus de que se sustentam, e não dessem à terra a retribuição pronta e larga do que nela buscam e logram, em sombra, em fresca verdura, em beleza, que é, depois do que mata a fome, a coisa mais útil que há por aí neste Mundo de insanável miopia, de ressequida sentimentalidade no que toca ao que vale a pena verdadeiramente.

Aquela palmeira, cuja sorte neste momento deploro — como se me tivessem arrancado uma pena à águia heráldica do brazão aveirense, ó homens práticos, ó homens do útil transitório e da pressa sem rasto! — fora transplantada, tamanina, pelo sr. Gustavo, de boa memória, do quintal do sr. Alberto Catalá, aí pelos princípios do segundo lustro deste século. Conduziram-na com zelosos cuidados femininos, restituiram-na ao solo com desvelos de carinho, para coroar com a sua fronde, progressivamente mais elevada, o termo de uma obra efectivada a custo de luta titânica, de um rude e pertinaz combate que desencadeara uma tempestade de controversas palavras agrestes, fizera gemer os prelos de onde saíam as folhas semanais ou hebdomanários, provocara destemperos e diatribes, açulara animadversões e desavenças políticas.

Aquela palmeira, sobre ser uma árvore estimável, era uma afirmação, clara, perentória, o atestado vivo de uma vontade forte e inflexível, que nenhuma influência demoveu e nenhuma pressão vergou. Mal ou bem, constituía o testemunho, ia dizer presencial, da vitória de uma corrente de opinião, com suas pretensões de moderna e progressiva, sobre o conservantismo, o estabilismo, o espírito de reacção de outro sector, não menos respeitável decerto, do pensamento e do sentimento locais.

Aquela defunta palmeira, sucumbiu degolada, esquartejada, reduzida a destroços com embotada crueldade, desapareceu e, com ela, alguma

Continua na página 4

Um artigo de ALVES MORGADO

as MANCHAS do SOL e a VIDA na TERRA

OS redactores científicos de revistas e jornais estrangeiros continuam a perder-se em conjecturas sobre as causas dos extraordinários rigores do Inverno verdadeiramente calamitoso que assola o hemisfério boreal.

As hipóteses que reunem maior número de partidários são, em ordem decrescente, as manchas solares, as experiências atómicas e o arrefecimento planetário.

Entretanto, os meteorologistas europeus e americanos continuam a emitir previsões francamente pessimistas. Segundo afirmam uns e outros, o mau tempo, com todo o seu dramático cortejo de desgraças, manter-se-á até meados de Março, isto é, até ao advento da Primavera. Os observadores ianques são particularmente precisos nos seus vaticínios sobre os malefícios que o Velho Continente terá ainda de suportar, sobretudo extensa zona da Europa Ocidental, compreendendo o Norte do nosso País.

Quanto às hipóteses a que acima nos referimos, a observação corrente e a própria história obrigam-nos a optar pela primeira. O fenómeno solar a que se dá o nome de «manchas» é sempre acompanhado de perturbações, mais ou menos graves, no nosso planeta. Tudo o que se passa no glorioso regente do sistema planetário tem vasta e profunda repercussão na vida da Terra e dos seus habitantes.

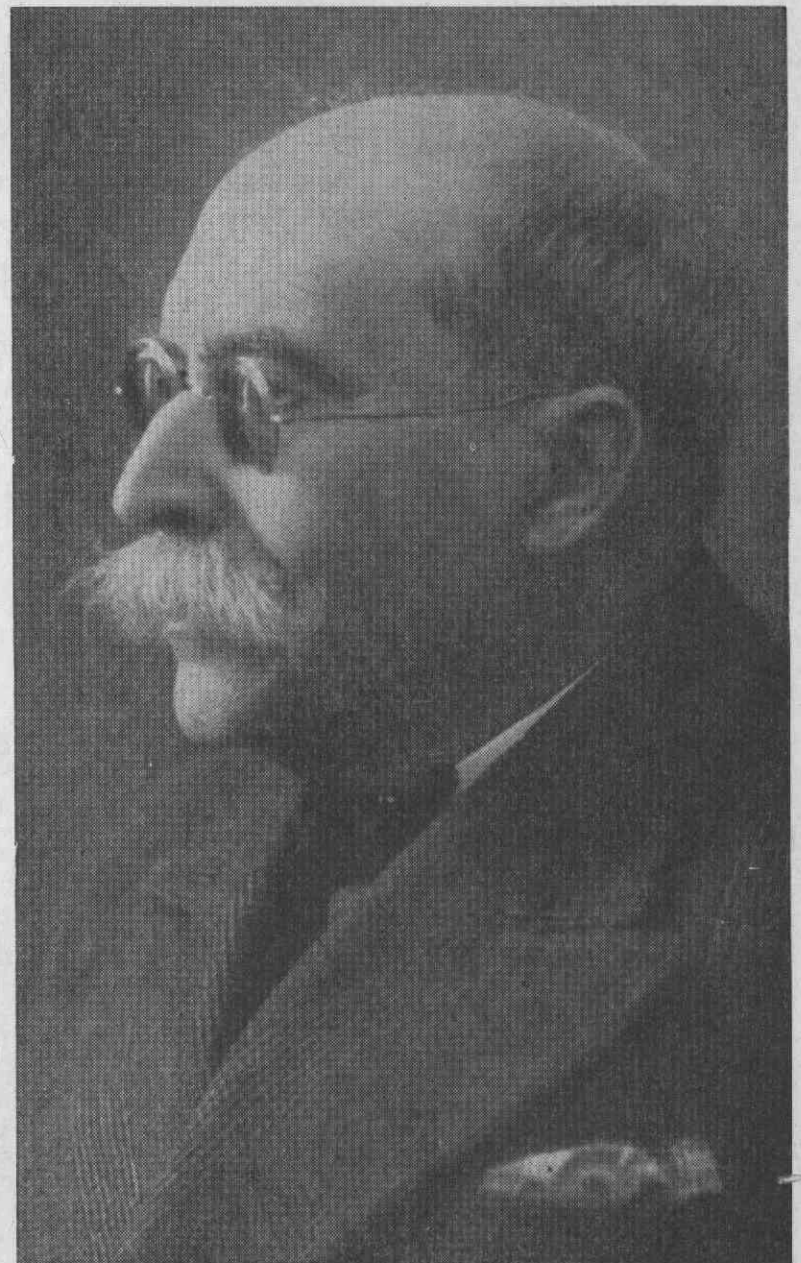
Antes de prosseguirmos, porém, esclarecemos as pessoas menos familiarizadas com estes assuntos que a denominação do fenómeno, herdada dos primeiros observadores, não está de acordo com a verdade científica.

Alguns escritores da Antiguidade já falam vagamente de uns sinais escuros, que maculavam a face do Sol, mas foi Galileu, com o seu modesto óculo, que concretizou os misteriosos sinais nas «manchas» que haviam de passar à posteridade. O termo ficou e ninguém pensa em substituí-lo.

Rigorosamente, as manchas são depressões formadas na fotosfera do nosso suzerano. O núcleo, aparentemente negro, por contraste com a penumbra circundante, representa o fundo da depressão, e a região penumbrosa a parede inclinada que prolonga o núcleo até ao nível da fotosfera. É avaliada numa centena de quilómetros a profundidade destes «poços» abertos pela actividade solar.

Descoberta pelo alemão Schwabe a actividade cíclica das manchas, o respectivo estudo estatístico demonstrou que grandes acontecimentos terrestres coincidem com os «máximos» dessa actividade. Actualmente, não se admitem dúvidas sobre a íntima conexão das manchas com as perturbações do magnetismo terrestre, com as auroras boreais e austrais, com as guerras e, até, com o recrudescimento da criminalidade. À custa das manchas do Sol, engendrou-se complexa e sinistra «teoria catastrófica», que a estatística confirma, sem que a ciência astronómica se abalance a desmentir.

HOMEM CHRISTO

morreu há vinte anos, que precisamente se completaram em 25 do mês findo. O vigor da sua pena, a virilidade posta nas lutas que sustentou, a sua agudíssima inteligência crítica e vasta cultura firmaram-lhe o nome nos acumes do jornalismo polémico nacional. A devoção à terra que lhe foi berço espelha-se magnificamente no Porto de Aveiro, obra de que foi um dos obreiros mais tenazes e esclarecidos

Portugal na actual conjectura económica da Europa

NA sua qualidade de presidente do Conselho de Ministros da «*EFTA*» (iniciais das palavras inglesas que correspondem às palavras portuguesas Associação Europeia de Comércio Livre), o Ministro de Estado adjunto à Presidência do Conselho, sr. Dr. José Gonçalo Correia de Oliveira, foi a Genebra, a fim de estudar com o Secretariado daquela organização económica internacional, também conhecida, mundialmente, por Grupo dos Sete, a agenda do Conselho e preparar a realização das futuras reuniões para os dias 18 e 19 do mês findo. Enquanto permaneceu naquela cidade da Suíça, onde a «*EFTA*» tem a sede, o sr. Dr. Correia de Oliveira desenvolveu intensa actividade. Foi, depois, ao Luxemburgo, onde conferenciou com o Ministro dos Negócios Estrangeiros daquele país, que é o presidente do Conselho de Ministros da Comunidade Económica Europeia, ou seja o Mercado Comum Europeu. À sua chegada a Lisboa, o Ministro de Estado falou para a Imprensa, tendo feito oportunas declarações acerca da actual conjuntura económica atlântica.

A presença de Portugal na presidência de Conselho de Ministros da «*EFTA*» é sumamente significativa, mas a viagem do Ministro de Estado de Portugal a Genebra e ao Luxemburgo é especialmente significativa, também, agora que as negociações entre o Reino Unido e o Mercado Comum Europeu tiveram o desfecho que se sabe, devido à intervenção do Presidente da República Francesa. «Na verdade» — disse o sr. Dr. Correia de Oliveira — «determinar as implicações para todos e para cada um dos países membros decorrentes desta nova situação económica e política na Europa não poderá deixar de constituir a principal preocupação do Conselho da «*EFTA*». Pode esta nova situação vir a impor alterações mais ou menos profundas nos métodos de trabalho e nos objectivos a curto prazo da Associação Europeia do Comércio Livre». Acrescentou o presidente do Conselho de Ministros da «*EFTA*» que a delegação portuguesa tem a esperança da que a nova situação só poderá reforçar aos países membros da «*EFTA*» o sentimento da necessidade de prosseguirem na consecução do objectivo fundamental que sempre foi o dessa instituição internacional: o da máxima contribuição para o estabelecimento da plataforma em que, seguras, assentam as relação entre os países da Europa do Ocidente.

Disse mais o sr. Dr. Carreia de Oliveira crer que, para além dos interesses materiais em jogo — e que são os dos próprios níveis de vida — seria muito difícil ao Ocidente construir a unidade na política sobre a divisão na economia. Por isso pensava que todos deveremos formular os mais ardentes votos pela rápida normalização da vida comunitária dos seis países que constituem o Mercado Comum Europeu. Quem não estará de acordo com o asserto do presidente do Conselho de Ministros da «*EFTA*», de que «a unidade de pensamento e acção da Comunidade Económica Europeia é indispensável à realização dos fins superiores a que se propuseram esses países e todos são nossos amigos e nossos aliados»? Nos seus votos para essa unidade de pensamento e acção, disse o sr. Dr. Correia de Oliveira haver uma razão «que é também do nosso interesse»: «é que, dada a actual organização política e económica na Europa, essa unidade, no pensar, no querer e no decidir, por parte dos países que constituem o Mercado Comum, é também necessária à salvaguarda dos legítimos interesses das demais nações do Ocidente que, por via do estabelecimento de relações íntimas com a Comunidade, com ela querem colaborar no esforço de repor a Europa na posição que a ela compete entre as forças que conduzem o destino do Mundo.»

Durante o seu encontro com o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Luxemburgo, que preside, actualmente, à Comunidade Económica Europeia, reconheceu-se ser do interesse comum — disse, também, o presidente do Conselho de Ministros da «*EFTA*» — não forçar, neste momento, a concretização do pedido de negociações já apresentado por Portugal. Para além da nova necessidade de bem avaliar as implicações decorrentes da nova problemática europeia, a favor do adiamento, concorreu, também, o facto de os órgãos e serviços da Comunidade terem sido ùltimamente sujeitos a um esforço esgotante, tão considerável que a própria Comunidade decidiu adiar reuniões e conselhos, já anteriormente fixados e nos quais deveria estudar e decidir problemas da mais alta importância para elas. Estas as razões, este o significado, do adiamento da declaração que o Governo deveria fazer em 11 deste mês, em Bruxelas, perante o Conselho de Ministro e a Comissão da Comunidade Económica Europeia.

As últimas afirmações do sr. Dr. Correia de Oliveira foram francamente optimistas, pois disse estar firmemente confiado «em que, por uma forma ou por outra, em breve todos recomeçaremos a trabalhar do modo construtivo, não só na integração do espaço económico europeu mas também, e sobretudo, na formulação e na condução de uma política que cada um de nós possa ter por verdadeiramente própria e comum.» Disso estamos, também, convencidos, bem como de que, para tanto, bastará que essa política comum procure o seu sentido e a sua força na justa compreensão dos vários mas autênticos interesses europeus, no acertado e avisado dizer do presidente do Conselho de Ministros da «*EFTA*». A presença do sr. Dr. Correia de Oliveira no posto supremo da Associação Europeia do Comércio Livre, tão concludentes provas tem o ilustre estadista dado da sua competência para o trato internacional dos grandes problemas económicos, é a segura garantia de que o Grupo dos Sete, na actual conjuntura económica atlântica, saberá escolher o melhor caminho para que a economia europeia alcance os seus objectivos fundamentais. A posição de Portugal, sempre clara em todas as emergências internacionais como a presente, é aquela que o verdadeiro, o legítimo interesse da Europa do Ocidente determina que seja.

A. de Freitas

Sarabando, Passos & Adrego, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, que por escritura de dezanove de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e três, lavrada de folhas quarenta e três, verso, a folhas quarenta e seis, do Livro de notas para escrituras diversas, número B-trinta e um, do Notário do 2.º Cartório desta Secretaria, Licenciado António Rodrigues, foi constituída uma sociedade entre José Maria Sarabando, Francisco dos Passos da Cruz, Joaquim Rodrigues Adrego, Amantino Margaça Lopes e Alvaro dos Santos Cartaxo, nos termos dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «SARABANDO, PASSOS & ADREGO, Limitada», tem a sua sede nesta cidade e durará por tempo indeterminado, a contar de um de Março próximo.

SEGUNDO — O seu objecto é o comércio de gasolina, petróleo, tractex, gasólio e óleos lubrificantes, ou qualquer outro em que acordem e para que não seja precisa autorização especial.

TERCEIRO — O capital social é de cinquenta mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de cinco quotas de dez mil escudos, pertencendo uma e cada sócio.

QUARTO — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, podendo, porém, qualquer dos sócios fazer à Caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições em que acordarem e que constem das respectivas actas.

QUINTO — Todos os sócios são gerentes, sem remuneração e sem caução e a sociedade será representada, em Juízo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer deles.

Parágrafo único — Para que a sociedade fique obrigada são indispensáveis as assinaturas de dois sócios. Os actos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer deles.

SEXTO — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios, usando a sociedade, em primeiro lugar, e qualquer dos sócios, em segundo lugar, do direito de preferência quando se pretenda ceder a um estranho.

SÉTIMO — Quando a Lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência.

OITAVO — O falecimento ou a interdição de qualquer dos sócios não opera a dissolução da sociedade, podendo os seus herdeiros ou representantes continuar nela, mas representados sòmente por um deles.

NONO — Os balanços e contas fechar-se-ão no dia trinta e um de Dezembro de cada ano. Dos lucros líquidos apurados serão deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva, sendo os restantes divididos pelos sócios, na proporção das suas quotas.

É certidão narrativa que vai conforme ao original na parte transcrita, a que me reporto, e na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro e Secretaria Notarial, vinte e três de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e três.

O Ajudante da Secretaria,

Raul Ferreira de Andrade

«Requiem» por uma Palmeira

Continuação da primeira página

coisa do que pode considerar-se a alma colectiva de Aveiro saiu ferida. Antes do busto de Gustavo Ferreira Pinto ela era o padrão da obra mais acaloradamente discutida desse grande obreiro da prosperidade aveirense.

A topografia daquela zona citadina ficara na traça medieva e todavia sem características já, que ao menos recordassem um passado de algum significado histórico ou algum pretériio esplendor. O Caneiro era uma viela irregular e anacrónica, a rua da Cruz o beco de uma aldeola estagnada, o Terreiro das Carmelitas um acanhadíssimo largo, que mais se amesquinharia com a construção do vultuoso edifício do Governo Civil. Todo o conjunto daquela área confrangia de pauperismo.

O próprio convento das Carmelitas, em grande parte oculto entre muros, tinha, mesmo numa terra a que muitas e depredadoras vicissitudes haviam apagado os vestígios da grandeza, um interesse arquitectónico muito descutível, tirante a igreja — essa, sim, de real merecimento artístico, mas que pràticamente prevaleceria indemne.

Ao rasgar com largueza, entre casebres e muros cegos, um trecho com ares de cidade que retomava a via das suas aspirações, obtemperava-se com o passado — o que do passado era pouco mais que miséria — e lançava-se, estridente e aos quatro ventos, o «brado a favor de um monumento». De um lado progressistas e franquistas, tendo como órgãos a «Vitalidade» e o «Campeão» defendiam o «statu-quo», a conservação. A outra facção, tendo como arautos ardorosos o «Progresso» e o «Povo de Aveiro» e, assim, reunindo regeneradores e republicanos, Gustavo Ferreira Pinto Basto, e as suas iniciativas renovadoras

Venceu Gustavo, mau grado todas as influências que os adversários mobilizaram, desde o Paço até ao solicitado parecer de Ramalho Ortigão, tido na matéria como oráculo infalível. A obra andou e concluiu-se, e surgiu a zona mais airosa, mais moderna e mais bela da área onde fora a antiga vila muralhada do Infante das Sete Partidas ou da Princesa-Infanta Santa Joana.

Desse logradoiro, ajardinado com esmero, ensombrado com as copas das árvores, onde a passarada chilriante se acoitava, na quadra calmosa, e entre as quais sobressaía a famigerada palmeira, essa praça desabafada, com seus relvados e flores, continuou a ser um dos locais mais aprazíveis e dignos da cidade.

Até que — dobrem a finados, mesmo os sinos das Carmelitas! — a edilidade, na sua, aliás, louvável ansia de melhoramentos, deliberou... melhorar o melhor.

Admitamos que esta obra não venha a constituir um «pioramento» camarário. Aceitemos que nesta era da «automobilocracia» facilite nalguns escassos metros o trânsito acelerado — aliás, apenas, por algumas dezenas de metros, porque logo ao diante, a rua se estrangula. Concedamos que o derrube das árvores desafogue o magnífico edifício do Palácio da Justiça — e ainda não está provado que o edifício, sumptuoso e belo, valha estèticamente mais do que as árvores modestíssimas que porventura o afrontavam. Reconheçamos que ia verificar-se a necessidade de resolver parte daquela zona para executar a obra utilíssima do saneamento pela qual não regateio os mais calorosos aplausos à municipalidade — e que, assim, se encontrava um plausível pretexto para amenizar uma despesa previsível.

Assim mesmo o pobre munícipe que eu sou não se convence, nem sentimentalmente, nem do prático ponto de vista administrativo. Pois não há algures maiores urgências, mais prementes argumentos a favor de mais flagrantes necessidades, tanta coisa má para tornar boa, e lacunas a preencher? Seria esta, na verdade, a propícia oportunidade para, repito, «melhorar o melhor»?

De um munícipe julgo saber que, se não estivesse já perante a inevitável — e nem por isso menos de lamentar — respeitosamente haveria requerido à Câmara que no imposto de trabalho ùltimamente liquidado lhe deduzisse não sei quantos milavos de escudo, que serão a sua cota parte na despeza da obra, porque a considera pelo menos prematura e nela não desejaria comparticipar mesmo indirecta e involuntàriamente.

Agora, porém, só virá a propósito e a tempo o desabafo dolente, a oração dos mortos, o «requiem» pela sacrificada e simbólica palmeira — carpi-la e lastimá-la numa plangente palavra de despedida e de saudade.

Pertencente a uma espécie, neste país que tanto se ufana de não praticar descriminações raciais, malquista pelo seu exotismo — em iníqua e incoerente contraposição com o ainda mais escanifrado eucalipto, de importação e aclimatação mais recente e que por aí pulula às miríades e já se integrou na paisagem nacional — a malaventurada palmeira foi friamente imolada aos hodiernos conceitos urbanísticos, inspirados na tirania universal da máquina que anda e atropela os corpos e avassala os espíritos.

Trago-lhe o adeus melancólico de um amigo e venerador fiel que a viu, condenada e inocente, supliciada e sem culpas, reduzida a pedaços, destroçada, exterminada sem dó, e não lhe poude valer.

Pranteio-a, comovidamente, e ao dinheiro gasto na obra, de tão duvidosa oportunidade, que determinou o seu corte crudelíssimo.

Os toros em que foi repartida destinar-se-ão, porventura, a ser queimados. Que acendam um fogo vivo — ó pobre palmeira da minha triste recordação! — e que na incineração pagã a que te sujeitem, as tuas chamas sejam ainda um crisol e iluminem os espíritos desagradecidos.

Palmeira desafortunada e saudosa, palmeira inolvidável, palmeira mártir, tu que foste um símbolo de acção necessária e fecunda: R. I. P..

E. C.

A Récita dos Finalistas do Liceu

Uma cena da peça «D. Beltrão de Figueiroa»

NO seguimento de uma tradição dos estudantes aveirenses, realizou-se, no dia 15 de Fevereiro findo, a Récita dos Finalistas do Liceu.

A festa académica efectuou-se no Teatro Aveirense, tendo decorrido em nível de muito agrado e dentro do ambiente da alegria e do entusiasmo que são peculiares à gente moça.

O programa iniciou-se com a apresentação do Orfeão Maior do Liceu, sob segura regência do sr. Prof. José de Melo Sereno, em diversos números corais.

Precedendo a audição, o finalista João Afonso Rebocho Christo proferiu algumas palavras de apresentação do espectáculo.

A seguir, foram levadas à cena as peças «D. Beltrão de Figueiroa», de Júlio Dantas, e «Uma Chávena de Chá», de José Carlos dos Santos — respectivamente dirigidas e encenadas pelo Prof. Dr. Albano Pedro da Conceição e pelo nosso apreciado colaborador Alfredo Guerra de Abreu, e representadas pelos alunos Maria Inês Pinto, Maria Felicidade Reis, João Afonso Rebocho Christo, Carlos Manuel Cruz e Sousa, Orlando Moreira Cruz e João de Albuquerque Rodrigues («D. Beltrão de Figueiroa»); e Rosa Maria Mortágua Velho, Carlos Alberto Mateus de Lima, João Afonso Rebocho Christo e João de Albuquerque Rodrigues («Uma Chávena de Chá»).

Peças ligeiras, foram ambas apresentadas com segurança e muito bem marcadas, sendo de assinalar o equilíbrio dos intérpretes, entre os quais, no entanto, se evidenciou João Afonso Rebocho Christo.

A finalizar a récita, efectuou-se um Acto de Variedades, que decorreu em ritmo um tanto lento, mas com interesse. Pena foi, no entanto, que se tivessem apresentado — demais com a insistência verificada — números totalmente descabidos de senso, sem razão de ser em festa de estudantes. Referimo-nos a alguns momentos em que, lamentàvelmente, os finalistas trocaram a sua proverbial e irreverente graça por piadas fáceis, mas impróprias, ao gosto revisteiro...

Tirando este senão, tudo se quadrou no plano de agrado da festa. De referir: as danças («Tarantella Italiana» e «Sueca») ensaiadas pela Prof.ª D. Maria Helena Paulo; a interessante *charge* «O Amor de Finalista», da autoria do setimanista Adelino Nunes de Matos; as equilibradas actuações de conjuntos de música ligeira; a e serenata final, em que se escutou a bem modelada voz de António Bernardino Pires dos Santos.

A. L.

Uma cena da peça «Uma chávena de chá»

Pela Capitania

Movimento Marítimo

✶ Em 18 de Fevereiro, com destino a Lisboa, saiu o navio-motor *João Ferreira*, com apréstos de pesca.

✶ Em 24 do mesmo mês, partiu, para Lisboa, o rebocador *Foz do Vouga*.

Tribunal Marítimo

Em 21 do passado mês de Fevereiro, reuniu o Tribunal Marítimo da Capitania, composto pelos srs.: Capitão do Porto de Aveiro, Capitão de Fragata Amândio Pires Cabral, como Presidente; Capitão do Porto da Figueira da Foz, Capitão-Tenente Arnaldo Augusto Garrido da Silva, e Capitão da Marinha Mercante Manuel Ferreira da Silva, como Vogais; e tendo como Promotor de Justiça, o Delegado do Procurador da República na Comarca, sr. Dr. Armindo José Girão Leite Cardoso.

Foram julgados os Marítimos José Costeira Barbosa e Manuel Domingos Janicas, acusados de crime de deserção, previsto e punível pelos artigos 132.º e 133.º do Código Penal e Disciplinar da Marinha Mercante.

Provou-se que os réus cometeram os factos de que vinham acusados, pelo que o Tribunal acordou, por unanimidade, em condená-los em 50 e 60 dias de prisão simples, não remível, no mínimo do imposto de Justiça, declarado inconvertível, por os réus serem pobres, de condição humilde e não terem possibilidades de efectuar o seu pagamento, e ainda no pagamento de 100$00 de emolumentos ao defensor oficioso, sr. Dr. João Teixeira, do Porto.

Pelo Hospital

O Prof. Doutor Fernando Magano profere uma lição no Ciclo de Sessões Científicas do Hospital

No prosseguimento do ciclo de sessões científicas promovido pelo Hospital Regional de Aveiro, virá à nossa cidade, no próximo dia 9, o distinto Professor Catedrático de Patologia Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e nosso ilustre conterrâneo e colaborador Doutor Fernando Magano, que, no salão nobre daquele estabelecimento hospitalar proferirá, pelas 21.30 horas, uma lição subordinada ao título Patologia Clínica das Glândulas Salivares (Iconografia).

No final, haverá um colóquio sobre o mesmo assunto.

Saneamento

Deu-se já início às obras para tratamento de esgotos, com equipamento electromecânico destinado às respectivas estações elevatórias.

Os trabalhos, que porão fim aos esgotos nos canais, deverão ficar concluídos até ao fim do ano corrente.

A Assembleia Geral do Beira-Mar

Na penúltima sexta-feira, 22 de Fevereiro findo, e sob presidência do sr. Egas Salgueiro, secretariado pelos srs. João da Graça e João dos Santos, respectivamente presidente e secretários da Assembleia Geral do Sport Clube Beira-Mar, realizou-se a anunciada assembleia geral ordinária desta popular colectividade citadina.

Após a apreciação do relatório e contas da Direcção, relativos ao exercício findo, e do parecer sobre os mesmos emitido pelo Conselho Fiscal, deveria ter-se procedido à votação da lista dos novos corpos gerentes do clube.

No entanto, e porque ainda não se encontrava elaborada a referida lista, a assembleia foi suspensa — para prosseguir na próxima segunda-feira, dia 4 de Março corrente, procedendo-se então à eleição do novo elenco directivo do Beira-Mar.

Pela Mocidade Portuguesa

Em cerimónia integrada nas comemorações do **Dia do Infante,** *vai ser entregue ao Chefe do Distrito, da próxima segunda-feira, dia 4, a ambulância adequirida por subscrição entre os filiados da Divisão Distritol de Aveiro da M. P. e destinada a servir na nossa Província de Angola.*

O programa da cerimónia, a realizar no Liceu, foi assim estabelecido:

A's 14.30 h. — Hasteamento das Bandeiras Nacional e da M. P., pelos srs. Governar Civil e Delegado Distrital da M. P..

A's 14.45 h. — Benção da ambulância, pelo sr. Bispo de Aveiro.

A's 15 h. — Sessão solene, no ginásio do Liceu, e entrega ao Chefe do Distrito das chaves da ambulância, que dentro de dias, será entregue, em Lisboa, à Cruz Vermelha Portuguesa.

O C.E.T.A. em evidência

O *Círculo Experimental de Teatro de Aveiro* (CETA) foi honrado com um convite da Associação Académica do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, de Lisboa, para participar na sua iniciativa «Semana de Teatro», a levar a efeito em Março corrente ou em Abril próximo.

diz o LEITOR...

A propósito do orçamento da Junta Distrital de Aveiro

N. da R. — *As observações aqui feitas por um dos nossos leitores sobre o assunto em epígrafe têm merecido o aplauso de muitos outros. Todos se manifestam no sentido de que o edifício-sede que a Junta Distrital se propõe construir deve ser o estrictamente necessário à eficiência dos serviços, não sendo lícito, mesmo assim, pensar na sua construção* antes de se ter dotado o Asilo-Escola de um edifício condigno. *Chamamos para o facto a esclarecida atenção de quem de direito e limitamo-nos, por agora, a transcrever a carta que, sobre a matéria, nos enviou, da Suiça, um dos nossos assinantes, aveirense ilustre e pessoa de reconhecida competência e sensatez.*

«Zurique, 18 de Fevereiro de 1963

Senhor Director,

Li, com bastante interesse, a correspondência que o seu jornal tem publicado a propósito do programa de actividades da Junta Distrital de Aveiro, nomeadamente o plano de construções do edifício-sede e do Asilo-Escola.

Ainda que seja de admitir existirem razões especiais, que não resultam claramente das explicações fornecidas pelo Presidente daquele corpo administrativo, que aconselhem ou justifiquem um investimento da escala do projectado para instalação dos serviços, é-se levado a pensar que, efectivamente, o programa de prioridade e a relação de grandeza não está de harmonia com os fins que a Junta se propõe e são, salvo erro, essencialmente de assistência.

Tenho feito parte da minha vida em países estrangeiros, principalmente europeus, de recursos muito superiores ao do nosso. Neles se põem também às corporações administrativas problemas da natureza do que se propõe resolver a Junta Distrital. Mas o que nunca observei da parte desses organismos foi dispenderem em instrumentos de funcionamento administrativo verbas superiores às destinadas à realização das suas finalidades principais.

Independentemente dos recursos limitados de que dispõem em geral os nossos corpos administrativos para a realização dos seus fins, o sentido das proporções aconselha uma revisão do programa de construções estabelecido. A corporação não se prestigia construindo um palácio para a sua sede e uma barraca para o Asilo.

Creia-me, Senhor Director, com muita consideração e amizade

Assinante 6-1104»

Faleceram:

D. Ana Rosa Teixeira Lopes

Em 7 de Fevereiro findo, faleceu a sr.ª D. Ana Rosa de Oliveira Teixeira Lopes, que contava 69 anos de idade.

A saudosa senhora deixou viúvo o sr. Capitão Acácio Teixeira Lopes, Presidente da Junta de Freguesia de Esgueira, e era mãe das sr.as D. Maria e D. Rosa Ester de Oliveira Teixeira Lopes e dos srs. José e Manuel de Oliveira Teixeira Lopes.

D. Natalina Miguéis Picado

No dia 16 do mês passado, faleceu a sr.ª D. Natalina Miguéis Picado, irmã das sr.as D. Celeste e D. Júlia Miguéis Picado; e tia das sr.as D. Graciete Miguéis Picado, funcionária da Câmara Municipal, e D. Maria Júlia Miguéis Picado, casada com o sr. Ernesto Caetano Abranches.

Primo da Naia Novo

Em 19 de Fevereiro, na freguesia da Vera Cruz, faleceu o sr. Primo da Naia Novo.

O saudoso extinto deixou viúva a sr.ª D. Maria da Glória de Melo Albim; era pai das sr.as D. Maria da Luz e D. Maria dos Prazeres da Naia Melo e dos srs. Francisco de Assis da Naia e Joaquim de Melo da Naia; e irmão dos srs. Estêvão e Firmino da Naia.

Mário Pais

No dia 20 do último mês, faleceu o sr. Mário Pais, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Gonçalves Lacerda e era pai do sr. Carlos Alberto Lacerda Pais.

D. Ana Nogueira da Costa

Em 21 de Fevereiro, faleceu, no lugar da Presa, a sr. D. Ana Nogueira da Costa, mãe das sr.as D. Maria da Conceição e D. Ascenção Nogueira Ferreira e do sr. Manuel Ferreira da Costa.

José dos Santos Oliveira

Em Esgueira, na penúltima sexta-feira, 22 de Fevereiro passado, faleceu o proprietário sr. José dos Santos Oliveira.

Deixou viúva a sr.ª D. Albertina Rodrigues e era tio do sr. Valdemar de Pinho Vinagre, funcionário da Câmara Municipal de Aveiro.

General Schiappa de Azevedo

Com 90 anos de idade, faleceu na sua residência do Porto, no domingo passado, o sr. General Júlio Alberto de Sousa Schiappa de Azevedo, um dos nossos mais distintos militares, com larga folha de prestimosos serviços tanto na Metrópole como no Ultramar.

Aluno distinto da Escola do Exército, onde tirou o Curso de Infantaria, seguiu para Angola, no posto de capitão, a tomar parte na famosa campanha dos Cuamotos, durante a qual revelou a sua excepcional coragem. Findas as operações militares, continuou a servir em Angola, primeiro como Comandante da Polícia de Luanda e depois como Administrador do Bié e de Caconda.

De regresso à Metrópole, ao rebentar a revolução de 14 de Maio, colocou-se resolutamente ao lado do Governo de Pimenta de Castro e esteve em risco de ser morto pelos revolucionários, que assaltaram a sua residência. Tomou parte no movimento de Sidónio Pais, em 5 de Dezembro de 1917, participou no movimento de 28 de Maio de 1926 e contribuiu activamente, no Porto, para a repressão do movimento de 3 de Fevereiro de 1927.

Ministro da Guerra, exerceu uma acção importante no aniquilamento da revolta da Madeira e impediu que alastrasse à Metrópole.

Quando, no posto de brigadeiro, comandou a 1.ª Região Militar, a guarnição prestou-lhe significativa homenagem, oferecendo-lhe uma espada de honra.

Durante a sua longa e brilhante carreira militar, desempenhou com aprumo diversos cargos de relevo, conquistando inúmeras citações e louvores; e tendo, fora dela, exercido interinamente as funções de Director das Cadeias Civis Centrais de Lisboa, houve-se por forma a merecer ser louvado pelo Ministério da Justiça.

Possuindo a medalha de ouro de comportamento exemplar, tinha, entre muitas outras condecorações alcançadas pelos seus méritos, as de oficial da Ordem da Torre e Espada; comendador, grande oficial e grã-cruz da Ordem de Avis; grã-cruz da Ordem de Cristo; e grande oficial da Ordem da Polónia Restituta.

Após o movimento de 28 de Maio de 1926, exerceu funções de comando em Aveiro e foi, designadamente, Comandante do Regimento de Infantaria n.º 19, ao tempo aqui aquartelado.

Quando terminou a sua carreira militar, o sr. General Schiappa de Azevedo fixou residência em Aveiro, onde viveu durante largos anos, conquistando, pelas suas altas qualidades, a simpatia e a admiração de quantos com ele conviveram.

Às famílias enlutadas os pêsames do Litoral

Agradecimento

Primo da Naia Novo

A todas as pessoas que assistindo ao funeral, ou doutra qualquer forma, prestaram homenagem à sua memória, a família agradece muito sentidamente.

António Tavares dos Santos & Irmão, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e sete de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e três, lavrada de folhas quarenta e nove a folhas cincoenta, verso, do livro número trezentos noventa e sete-A — para escrituras diversas do arquivo do Primeiro Cartório Notarial de Aveiro, a cargo do Notário Doutor Joaquim Tavares da Silveira, foi constituida uma sociedade entre Alexandrino Lopes dos Santos e António Tavares dos Santos, nos termos dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «ANTÓNIO TAVARES DOS SANTOS & IRMÃO, LIMITADA», — fica com a sua sede e estabelecimento nesta cidade de Aveiro, — e durará por tempo indeterminado, a contar do dia um de Março do ano corrente;

SEGUNDO—O seu objecto é a indústria e o comércio de Confeitaria e Pastelaria, e poderá ser ainda outro qualquer ramo de comércio ou indústria, que resolva explorar;

TERCEIRO — O capital social é do montante de cincoenta mil escudos, dividido em duas quotas de vinte e cinco contos cada uma, subscritas uma por cada um deles outorgantes — sócios; e acha-se todo realizado já, em dinheiro;

QUARTO — Nas cessões de quotas ou parte delas, a sociedade terá sempre o direito de preferência; e, não usando a sociedade deste seu direito e sendo as cessões feitas a estranhos, terão os sócios esse mesmo direito de preferência;

QUINTO — Todos os sócios ficam sendo gerentes, sem retribuição e com dispensa de caução; e qualquer deles, por si só, poderá obrigar a sociedade.

SEXTO — Nenhum sócio poderá fazer parte de qualquer outra sociedade com fins idênticos ao desta, — sob pena de a sociedade poder amortizar a quota do sócio que não respeitar esta cláusula, pelo seu valor nominal. E, se a sociedade tiver só mais um sócio, poderá este requerer, com fundamento na violação da cláusula, a dissolução da sociedade.

— Outrossim, nenhum sócio poderá comerciar ou ter indústria, individualmente, sobre confeitaria ou pastelaria, enquanto pertencer a esta sociedade. Ficam, porém, resalvados os estabelecimentos do género que actualmente possuírem; e, no caso de violação desta segunda parte do artigo, terá aplicação o disposto na primeira parte, quando à possibilidade de amortização da quota do sócio faltoso, e dissolução da sociedade.

SÉTIMO — Salvos os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas por cartas registadas, com oito dias de antecedência, pelo menos.

OITAVO — Em tudo o mais aqui não previsto, regularão as disposições legais aplicáveis e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

É certidão narrativa que vai conforme ao original na parte transcrita, a que me reporto, e na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro e Secretaria Notarial, um de Março de mil novecentos e sessenta e três.

O Ajudante da Secretaria,

Raul Ferreira de Andrade

FAZEM ANOS:

Hoje, 2 — A sr.ª D. Maria José Freitas dos Reis, esposa do sr. Joaquim dos Reis; os srs. Dr. Manuel das Neves, Humberto Trindade, Sargento-ajudante Subchefe de Música João António Salgado e Augusto Tavares de Almeida; e a menina Georgina Simões Leal, filha do sr. Sidónio Mendes Leal.

Amanhã, 3 — Os srs. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, José Robalo Lisboa Júnior, Eng.º João Carlos Fernandes Aleluia e Joaquim Gonçalves; e as meninas Maria Teresa dos Santos Amaral, filha do sr. Belmiro do Amaral Fartura, Maria José Martins Melo Alvim, filha do sr. Luís de Melo Alvim Júnior, e Carmen Martins Pereira, filha do sr. José Pereira.

Em 4 — A sr.ª Prof.ª D. Zélia Gonçalves Guimarães, esposa do sr. Prof. António dos Santos Marcela; e os srs. Albano Pereira, João Fonseca de Almeida e António de Almeida Freitas.

Em 5 — As sr.as Prof. D. Mariana Filomena Borges de Sousa e D. Mécia Alice Robalo de Almeida, esposa do sr. Mariano Marques de Almeida; os srs. João Pires Metelo Leitão, António José Robalo de Almeida, Abílio Marques e Manuel Picado da Cruz Nordeste; e as meninas Maria Luísa de Resende Gonçalves Andias, filha do sr. Francisco Andias, e Maria Joana de Albuquerque Portocarrero Canavarro, filha do sr. Dr. José Manuel Portocarrero Canavarro.

Em 6 — Os srs. José Ferreira da Costa Mortágua e Ernesto Gomes Vieira; a menina Maria Manuel, filha do sr. Dr. Manuel Simões Julião; e os meninos Vítor Manuel Santos de Almeida Marcos, filho do sr. José de Almeida Marcos, e Ricardo Jorge Rodrigues Lopes Nogueira, filho do sr. Fausto Lopes Nogueira.

Em 7 — Os srs. Luís José Robalo de Almeida e D. José Maria de Lemos Manoel (Atalaya); e a menina Maria Helena Lopes Borrego, filha do 2.º Sargento sr. José Maria Borrego.

Em 8 — Os srs. Dr. A'lvaro de Seiça Neves, João da Naia Sardo e Manuel dos Santos Ferreira; e os estudantes Manuel António Salgueiro Lopes, filho do sr. Comandante Manuel Branco Lopes, e José Soares de Pinho, filho do sr. José da Naia e Pinho.

PARA MOÇAMBIQUE

No dia 15 de Fevereiro findo, embarcou no paquete «Angola», com destino à nossa Província Ultramarina de Moçambique, onde vai cumprir o período de serviço militar, o Alferes-médico sr. Dr. José Gabriel Cardoso Vieira, filho do nosso conterrâneo sr. Dr. Gabriel Vieira.

FUNCIONALISMO

Foi colocado como 3.º oficial na 3.ª Repartição da Direcção-geral das Contribuições e Impostos o nosso prezado assinante sr. Duarte Simões da Cunha, a quem desejamos as maiores felicidades no seu novo posto.

VIMOS EM AVEIRO

Esteve nesta cidade, na passada terça-feira, com sua esposa, o antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros sr. Prof. Doutor Paulo Cunha, actual Reitor da Universidade Clássica de Lisboa.

TV 1001 -?-

Empresa Cerâmica Central Nariense

Limitada

Certifico que, por escritura de 7 de Fevereiro de 1963, lavrada de fl. 10 v.º a fl. 13 do livro de notas para escrituras diversas n.º 31-B do 2.º cartório da secretaria notarial de Aveiro, a cargo do notário licenciado António Rodrigues, foi constituída entre Herculano Ferreira Rebolo, Manuel Vieira Matias e António Marques Borralho uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação Empresa Cerâmica Central Nariense, L.da, tem a sua sede no lugar da Costeira, freguesia de Nariz, concelho de Aveiro, e durará por tempo indeterminado, a contar de 1 do mês corrente.

2.º

O seu objecto é o fabrico e venda de artigos de cerâmica e indústria de serração ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar e para que não seja precisa autorização especial.

3.º

O capital social é de 90 000$00, inteiramente realizado, em dinheiro, correspondente à soma de três quotas de 30 000$00, pertencendo uma a cada sócio.

4.º

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, podendo, porém, qualquer dos sócios fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições em que acordarem e que constem das respectivas actas.

5.º

Todos os sócios são gerentes, sem remuneração e sem caução, e a sociedade será representada em juízo ou fora dele, activa e passivamente, por qualquer deles.

§ único. Para que a sociedade fique obrigada são indispensáveis as assinaturas de dois sócios. Os actos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer deles.

6.º

A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios, usando a sociedade em primeiro lugar e qualquer dos sócios em segundo lugar do direito de preferência, quando se pretenda ceder a um estranho.

7.º

Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência.

8.º

O falecimento ou interdição de qualquer dos sócios não opera a dissolução da sociedade, podendo os seus herdeiros ou representantes continuar nela, mas representados sòmente por um deles.

9.º

Os balanços e contas fechar-se-ão no dia 31 de Dezembro de cada ano. Dos lucros líquidos apurados serão deduzidos 5 por cento para o fundo de reserva, sendo os restantes divididos pelos sócios na proporção das suas quotas.

E' certificado que extraí e vai de conformidade com o original a que me reporto.

Secretaria Notarial de Aveiro, 13 de Fevereiro de 1963

O Ajudante,

Raul Ferreira de Andrade

Turistas espanhóis pelas Festas da Páscoa

Durante a quadra da Páscoa, de 3 a 21 de Abril próximo, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado autorizará a entrada em Portugal, para uma estadia de 7 dias, aos espanhóis que venham assistir aos festejos a realizar no nosso País, desde que se munam de salvos-condutos, a passar nos postos fronteiriços mediante a apresentação dos respectivos bilhetes de identidade.

Aquela Polícia poderá conceder a prorrogação do referido prazo, a título excepcional e a requerimento dos interessados.

Bolsas de Estudo no estrangeiro

oferecidas a estudantes portugueses

O Distrito Rotário Português anuncia que foram outorgadas a Portugal duas bolsas para um ano de estudos no estrangeiro, sendo:

a) — Uma bolsa de cerca de 72.000$00, que será atribuída a um diplomado ou finalista dum curso superior, solteiro, de 20 a 28 anos de idade, do sexo masculino e que deseje obter uma especialização, frequentando qualquer curso adequado num dos 128 Países, à sua escolha, onde existe Rotary;

b) — Uma bolsa de cerca de 60.000$00, para um ano de frequência de qualquer dos cursos professados nos Colégios de Estado de Jacksonville, Alabama, USA, (Ciências, Música, Arte, Administração Comercial, Secretariado, etc.), à qual podem concorrer estudantes portugueses, de ambos os sexos, de 16 a 22 anos de idade.

Estas bolsas além de permitirem, a primeira uma especialização e a segunda um aprendizado da maior utilidade profissional, favorecem o contacto com jovens de outros Países e as demais vantagens resultantes do apoio dos Clubes Rotários locais.

Os interessados em qualquer das bolsas deverão dirigir-se a um dos Clubes Rotários Portugueses ou, se preferirem, ao Rotary Clube de Lisboa, Rua de Tomás Ribeiro, n.º 47-3.º — Lisboa.

Continuações da última página

★ FUTEBOL ★

Provas Distritais

I DIVISÃO

Lamas — Novo Campeão!

Uma jornada antes do termo da prova, o União de Lamas conseguiu assegurar a conquista do título, tal como sucedeu já nas épocas de 1941-42, 1942-43 e 1953-54.

Além dos lamacenses, também a Ovarense e o Lusitânia (campeão destronado) conseguiram qualificar-se para o Nacional da III Divisão; resta apurar o quarto representante aveirense naquela competição, que sairá do duo Arrifanense - Recreio — problema que se solucionará amanhã, na derradeira jornada, em que, caprichosamente, se defrontam os aludidos clubes.

Resultados do Dia:

P. de Brandão - Esmoriz . . 2-2
Lusitânia - Estarreja 1-0
Vista-Alegre - Ovarense . . . 1-6
Recreio - Alba 4-1
Cesarense - Arrifanense . . . 0-3
Anadia - Bustelo 5-1
Cucujães - Lamas 0-4

Tabela de Classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lamas	25	18	4	3	79-21	65
Ovarense	25	16	4	5	75-31	61
Lusitânia	25	13	10	2	56-22	61
Arrifanense	25	15	2	8	55-37	57
Recreio	25	13	5	7	48-27	56
P. Brandão	25	10	5	10	46-39	50
Alba	25	12	1	12	52-48	50
Anadia	25	9	4	12	49-52	47
Esmoriz	25	8	5	12	35-46	46
Bustelo	25	8	5	12	28-64	46
Estarreja	25	6	8	11	30-54	45
Cucujães	25	7	2	16	34-49	41
Cesarense	25	5	6	14	27-54	41
V. Alegre *	25	3	3	19	18-88	33

(*) Tem uma falta de comparência

Jogos para amanhã:

Estarreja - Paços de Brandão
Ovarense - Lusitânia
Alba - Vista-Alegre
Arrifanense - Recreio
Bustelo - Cesarense.
Lamas - Anadia
Esmoriz - Cucujães

JUNIORES

Resultados do Dia:

Sanjoanense - Beira-Mar . . . 1-0
Oliveirense - Anadia 1-0

Classificação actual:

	J.	V.	E.	D	Bolas	P.
Sanjoanense	4	3	1	—	4-1	11
Anadia	4	2	—	2	6-3	8
Oliveirense	4	2	—	2	5-5	8
Beira-Mar	4	—	1	3	3-9	5

Jogos para amanhã

Anadia - Sanjoanense (0-1)
Beira-Mar - Oliveirense (1-4)

Sanjoanense, 1 - Beira-Mar, 0

Jogo no Campo Conde Dias Garcia, sob arbitragem do sr. Henrique Castro.

Os grupos apresentaram:

Sanjoanense — Manuel; José Luís, Correia e Tavares; Nuno e Barata; Luís, Orlando, Nelson, Reis e Cacheiro.

Beira-Mar — Gonçalves; Manuel Lopes, Elias e Guilherme; Martinho e Arménio; Barreto, Corte Real, Soeiro, Carlos Alberto e Artur Lopes.

Após o reatamento, *Orlando* fez o golo solitário da partida. Momentos volvidos, o sanjoanense José Luís foi expulso, por falta sobre o beiramarense Artur Lopes.

Partida equilibrada, com vitória do *team* mais afortunado. Uma vez mais, nesta fase, os aveirenses alinharam com um onze em que faltaram vários titulares.

PRINCIPIANTES

Resultados do dia:

Mealhada - Beira-Mar 0-6
Alba - Ovarense. 3-0
Espinho - Sanjoanense. . . . 2-4

Classificação actual

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P
Beira-Mar	3	3	—	—	13-1	9
Sanjoanense	3	3	—	—	7-2	9
Espinho	3	2	—	1	6-5	7
Alba	3	1	—	2	4-4	5
Ovarense	3	—	—	3	1-10	3
Mealhada	3	—	—	3	0-9	3

Jogos para amanhã

Beira-Mar - Sanjoanense
Ovarense - Mealhada
Alba - Espinho

Mealhada, 0 - Beira-Mar, 6

Jogo na Mealhada, sob arbitragem do sr. Evaristo Portovedo.

As equipas alinharam assim:

Mealhada — Nunes; Neto, Peres e Castro; Silva e Macedo; Machado, Oliveira, Ferreira, Fernandes (Andrade) e Helder.

Beira-Mar — Loura; Vale, Albano e Costa; Viriato e Martins; Alves, Lázaro, Ernesto, Pacheco e Pimenta (Veiga).

Superioridade total dos jovens e promissores beiramarenses, que alcançaram um *score* ajustado ao domínio que exerceram.

Ao intervalo havia 3-0.

Os golos foram apontados por Ernesto (3), Lázaro (2) e Pimenta (1).

Basquetebol

Classificação:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Galitos	6	5	1	258-114	16
Sangalhos	6	5	1	182-109	16
Esgueira	6	3	3	133-176	12
Amoníaco	7	2	5	144-196	11
Recreio	5	—	5	49-171	5

Jogos para amanhã:

Recreio-Galitos (6-58)
Esgueira-Sangalhos (20-37)

INFANTIS

Resultados do Dia:

Galitos, 30 - Amoníaco, 12
Illiabum, 33 - Esgueira, 8

Classificação:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Illiabum	3	3	—	91-28	9
Galitos	3	3	—	75-35	9
Amoníaco	4	1	3	40-84	6
Sangalhos	3	1	2	48-64	5
Esgueira	3	—	3	21-63	3

Jogos para amanhã:

Galitos-Illiabum
Esgueira-Sangalhos

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 25 DO TOTOBOLA

de 10 de Março de 1963

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Olhanense — Atlético	1		
2	Académica — Leixões	1		
3	Lusitano — Guimarães	1		
4	Barreirense — Sporting			2
5	Leça — Covilhã	1		
6	Braga — Oliveirense	1		
7	Boavista — Espinho	1		
8	Sanjoanense — Salguei.	1		
9	Castelo Branco-Varzim		x	
10	Torriense — Alhandra	1		
11	Sacavenense — Montijo		x	
12	Portimon. — C. Piedade	1		
13	Portalegrense - Farense	1		

Secção dirigida por António Leopoldo

DESPORTOS

Campeonato Nacional da II Divisão

Resultados do Dia

Leça — Marinhense 1-1
Braga — Covilhã 2-1
Boavista — Académico 2-0
Sanjoanense — Oliveirense . . . 0-0
Beira-Mar — Espinho 2-0
Castelo Banco — Salgueiros . . . 1-0
Varzim — Vianense 7-0

Tabela de Classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Varzim	17	12	3	2	48-15	27
Beira-Mar	17	10	5	2	27-12	25
Oliveirense	17	10	4	3	36-16	24
Braga	17	11	1	5	38-27	23
Covilhã	17	9	4	4	30-15	22
Leça	17	7	4	6	23-23	18
Marinhense	17	5	6	6	25-24	16
Espinho	17	5	5	7	21-31	15
Vianense	17	4	5	8	21-39	13
Sanjoanense	17	4	4	9	21-44	12
C. Branco	17	4	4	9	17-22	12
Académico	17	3	5	9	19-30	11
Boavista	17	5	1	11	17-32	11
Salgueiros	17	4	1	12	21-35	9

Jogos para Amanhã

Covilhã — Marinhense (1-1)
Académico — Bsaga (0-3)
Oliveirense — Boavista (0-0)

Espinho — Sanjoanense (2-2)
Salgueiros — Beira-Mar (1-2)
Vianense — Castelo Branco (0-2)
Varzim — Leça (4-1)

Breve Comentário

Na Terça-feira Gorda, e para acerto do calendário, jogaram o desafio em atraso (da 14.ª jornada) os *teams* do Braga e do Boavista. Os minhotos venceram por 1-0 — pelo que passaram a ocupar o quarto posto da tabela, isoladamente.

Nos sete desafios de Domingo Gordo, quase metade dos concorrentes ficou sem golear! Foram seis, efectivamente, os grupos que se quedaram em branco!

Dos *zeros* apurados, quatro ditaram derrotas, enquanto os restantes enquadraram um dos empates registados na jornada, num prélio entre dois velhos rivais e vizinhos do nosso Distrito: Sanjoanense e Oliveirense.

Este desfecho determinou que a turma de Azeméis se atrasasse em relação aos dois primeiros, deixando o Beira-Mar isolado na segunda posição.

Na partida de maior cartel do dia, os bracarenses derrotaram os covilhanenses, ultrapassando-os na tabela classificativa, e firmando a turma arsenalista como um dos candidatos mais credenciados ao primeiro posto, já que terá de receber em Braga todos os grupos que, nesta altura, a antecedem na tabela.

Acerca dos outros prélios, haverá que salientar-se o empate que o Marinhense alcançou em Leça — em jeito de desforra do triunfo dos leceiro na Marinha Grande.

De resto, tudo foi normal, pois aguardava-se a vantagem caseira que acabou por se registar. Notabilizou-se, de novo, o Varzim — com um ataque verdadeiramente irresistível — que goleou o Vianense e marcha no comando com autoridade e segurança notáveis.

A finalizar, aponte-se que o Salgueiros voltou a ficar sem companhia na «lanterna-vermelha», enquanto, na cauda, cada vez mais se complicam as posições de grande número de concorrentes — todos com a sorte bem longe de se definir.

Sucessivamente transferido, por causa do mau tempo, como aqui temos noticiado, o Torneio Início da Associação de Andebol de Aveiro vai realizar-se hoje, em S. João da Madeira.

A partir das 21 horas, haverá os desafios *Sanjoanense - Beira-Mar* e *Atlético Vareiro - Espinho*, defrontando-se, na final, os vencedores dos aludidos jogos.

Com a presença de cinco clubes, o Campeonato Distrital vai iniciar-se no próximo sábado, dia 9, prolongando-se pelos sábados seguintes, no decurso de dez jornadas.

Os jogos principiarão às 22 horas.

O calendário da primeira volta da prova está assim elaborado:

1.º dia
Beira-Mar - Sanjoanense e Espinho - Amoníaco.

2.º dia
Amoníaco - Beira-Mar e Sanjoanense - Atlético Vareiro.

3.º dia
Beira-Mar - Atlético Vareiro e Sanjoanense - Espinho.

4.º dia
Espinho - Beira-Mar e Atlético Vareiro - Amoníaco.

5.º dia
Amoníaco - Sanjoanense e Atlético Vareiro - Espinho.

Basquetebol

No dia 5, há o PORTO AVEIRO

Em retribuição da visita que à nossa cidade a Selecção do Porto fez em 27 de Dezembro do ano findo, desloca-se na próxima terça-feira à cidade invicta a Selecção de Aveiro.

Como bem se recorda, no aludido desafio, o seleccionado aveirense venceu por 45-25, de certo modo contrariando o favoritismo que se concedia à turma portuense, por dispor de um vasto campo de recrutamento para a sua representação.

Naturalmente, os nortenhos desejam obter desforra daquele seu insucesso — e aí reside, sem dúvida, um dos fortes atractivos do jogo de terça-feira. No entanto, e apesar de não ter podido preparar-se como convinha, em consequência do mau tempo que se tem feito sentir, a turma de Aveiro terá uma palavra a dizer... Aguardemos, pois, e confiemos no brio e no valor da Selecção de Aveiro.

Como aqui noticiámos, o seleccionador aveirense, José Nogueira Martins, teve de dispensar alguns elementos chamados à equipa que alinhou, em 27 de Dezembro. Foram eles: Amândio, do Sangalhos; Júlio, do Galitos; Pinto, do Cucujães; e Resende, do Illiabum.

Entretanto, para ocuparem os lugares daqueles elementos, foram convocados Carmona, do Sangalhos, e Mateus de Lima, do Galitos.

Desta forma, a Selecção de Aveiro apresentará no Porto a seguinte composição: Portugal, Valdemar, Alexandre, Alberto e Carmona, do Sangalhos; Albertino, Encarnação e Mateus de Lima, do Galitos; Arlindo e Virgílio, do Amoníaco; e Manuel Pereira, do Esgueira.

Recomeçam os CAMPEONATOS NACIONAIS

Após o intervalo verificado na semana finda, prosseguem os campeonatos nacionais de basquetebol, com jogos marcados para hoje e para amanhã.

Assim, teremos:

I DIVISÃO

Hoje — Sangalhos-Vilanovense e Porto-Ginásio Figueirense. *Amanhã* — Esgueira-Vasco da Gama e Marinhense-Académica.

II DIVISÃO

Hoje — Galitos-Amoníaco. *Amanhã* — Sporting Figueirense-Illiabum, Sporting das Caldas-Fluvial, Guifões-Leça, Educação Física-Centro Universitário e Sport-Olivais.

Provas Distritais

JUNIORES

Resultados do Dia:

Galitos, 69 - Amoníaco, 17
Recreio-Esgueira - ADIADO

Continua na página 7

Beira-Mar, 2 - Espinho, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. António Amaro, auxiliado pelos srs. Graciano Marques (bancada) e Renato Santos (peão) — todos da Comissão Distrital de Coimbra.

Os grupos apresentaram:

Beira-Mar — Pais; Moreira, Liberal e Girão; Amândio e Jurado; Miguel, Cardoso, Teixeira, Chaves e Correia.

Espinho — Arnaldo; Padrão, Alcobia e Massas; David e Adriano; Pinhal, Alvarez, Quim, Bouçon e Luciano.

•

Antes do desafio, as duas turmas guardaram um minuto de silêncio, pelo falecimento do pai do defesa beiramarense Valente.

•

1-0, aos 32 m., em golo de TEIXEIRA. A bola foi conduzida e centrada por Chaves, recolhida e passada, em toque bem medido, por Cardoso, e rematada de pronto — e imparàvelmente — pelo centro-dianteiro aveirense.

2-0, aos 34 m., em golo de TEIXEIRA. O lance foi de mérito inteiro para o goleador, que conduziu o esférico desde o meio-campo, descaiu para a direita e rematou cruzado, levando a bola a embater na base do poste antes de se colar às malhas.

•

Mais esclarecidos a meio-campo, e com um ataque irrequieto e perfurante, os espinhenses tiveram um começo prometedor. Mas, salvo um remate, aos 2 m., em que Pinhal forçou Pais a intervenção difícil, os *tigres* foram precipitados e ingénuos na finalização. E, para cúmulo, perfilharam uma toada de remate de muito longe e, de comum, sem direcção — sempre sem perigo.

Assim, cedo se condenaram ao inêxito — até porque os beiramarenses, mesmo actuando em nível de pouquíssimo agrado, a pouco e pouco foram tomando as rédeas do jogo, passando a exercer pressão acentuada sobre o último reduto dos visitantes.

•

Dois golos, em curto lapso de tempo, decidiram a sorte do prélio. E outros estiveram à vista — designadamente num remate de Miguel (aos 37 m.), que levou a bola ao poste e num golpe de cabeça de Cardoso (aos 44 m.), em que Arnaldo se viu em sérios apuros.

Isto ocorreu antes do descanso, havendo ainda a assinalar, neste meio-tempo, a saída do espinhense Adriano — à passagem do quarto de hora — com forte lesão no braço direito, por ter caído mal no terreno, em lance de puro azar.

•

Na segunda parte, a partida manteve as anteriores características.

O Beira-Mar dominou, sem jogar bem, e perdeu alguns lances em que poderia elevar o *score* — umas vezes por não imprimir aos ataques a finalidade necessária, outras pela decisão com que os forasteiros se defenderam.

E o Espinho, sempre aguerrido, voluntarioso e mexido, defendeu-se com denodo e coragem — não descurando, porém, os contra-ataques. Mas, nestes, e por teimar nos remates à distância, o onze da Costa Verde não teve *chance* alguma de chegar ao ponto de honra que a sua actuação justificou.

•

Salientaram-se: no Beira-Mar, Teixeira — que, para além de ser o autor dos golos da partida, foi o mais esforçado e empreendedor das locais — e Liberal, com exibição pendular; e, no Espinho, Luciano, Arnaldo, Padrão, Bouçon e David.

•

Arbitragem sobre o fraco, mas imparcial.

Xadrez de Notícias

A Associação de Basquetebol de Aveiro promove uma excursão de autocarro ao Porto, na terça-feira, quando da realização do desafio Selecção do Porto-Selecção de Aveiro.

A partida será às 19 horas, ao preço de 20$00, por lugar.

Numa prova de «corta-mato» realizada no Porto, no domingo, os aveirenses José Peixoto Oliveira e Carlos Lacerda Pais, ambos do Galitos, classificaram-se no 6.º e no 16.º lugares, respectivamente.

O andebolista Luís Olinto, (ex-Beira-Mar), actualmente em Lisboa, ingressou no Oriental, enquanto Macedo, Fernandes e Carlos, todos ex-Escola Livre de Azeméis, se transferiram para a Sanjoanense.

No «Rally das Camélias», que acabou de se disputar na terça-feira, a automobilista aveirense António Peixinho, em «Volvo», classificou-se no primeiro lugar da sua classe, na categoria de Turismo.

Amanhã, no Porto, o desafio de futebol Salgueiros-Beira-Mar será dirigido pelo sr. Carlos Dinis, da Comissão Distrital de Lisboa.

Como se noticiou, a Associação de Ciclismo de Aveiro fez disputar, no pretérito domingo, de manhã, a prova em epígrafe — que incluía corridas para «independentes» e para «amadores-juniores».

De ambas registamos, a seguir, alguns apontamentos.

INDEPENDENTES

Percurso de 110 kms., por Águeda - Albergaria-a-Velha - Oliveira de Azeméis - Estarreja - Angeja - Aveiro - Oiã - Oliveira do Bairro - Sangalhos - Malaposta - Águeda.

Prova bem disputada, em que o ovarense Laurentino Mendes logrou isolar-se na parte final, chegando destacado à meta.

Classificação:

1.º - Laurentino Mendes, Ovarense, 3 h. 9 m.; 2.º - Antonino Baptista, Sangalhos, 3 h. 10 m. 30 s.; 3.º - João Gomes, Ovarense, m. t.; 4.º - Artur Carreira, Sangalhos, Sangalhos, m. t.; 5.º - Manuel Luís Costa, Ovarense, m. t.; 6.º - Manuel Ferreira, Ovarense, 3 h. 10 m. 59 s.; 7.º - João José Borges, Ovarense, m. t.; 8.º - António Bastos Leite, Sangalhos, m. t.; 9.º - Carlos Dias, Sangalhos, m. t.; 10.º - Miguel Coelho, Sangalhos, 3 h. 15 m. 10 s..

Média do vencedor — 38 km/h..

AMADORES - JUNIORES

Percurso de 79 kms., por Águeda - Albergaria-a-Velha - Angeja - Aveiro - Oiã - Oliveira do Bairro - Sangalhos - Malaposta - Águeda.

A competição, sempre com os concorrentes colados, veio a decidir-se ao *sprint*, cortando os ciclistas a meta pela ordem seguinte:

1.º - José Vieira, Ovarense, 2 h. 8 m. 13 s.; 2.º - João Dias, Recreio, m. t.; 4.º - Aniceto Leite, Recreio, m. t.; 5.º - Manuel Fontela, Ovarense; 6.º - Eduardo Saurelo, Sangalhos, 2 h. 9 m. 23 s.; 7.º - Alfredo Ferreira, Ovarense, m. t..

Média do vencedor — 36 km/h.

o Sr.
Sarabando